

Jornada única só funciona no papel

É impossível saber onde é que estão os 90% de escolas estaduais plenamente equipadas para o funcionamento da jornada única de trabalho — que amplia a permanência dos alunos do ciclo básico (1^a e 2^a séries) para seis horas, com direito a três refeições — anunciatedas pelo secretário da Educação, Chopin Tavares de Lima. No segundo dia de jornada única, uma visita de surpresa a três escolas entre as regiões Sul e Oeste da cidade mostra um quadro inalterado de precariedade e improvisação: falta quase tudo, desde salas, professores, carteiras, pratos e talheres até água para bebedouros e banheiros, como na Escola Estadual Davina Aguiar, no Capão Redondo.

Na opinião de diretores e professores, faltam principalmente provisões por parte do governo. "Tudo que a gente solicita não tem, não dá" — desabafa a diretora da Escola Davina Aguiar, Yorá dos Santos Silva. A lista de solicitações da diretora é imensa. Começa pela água, que falta na escola há exatamente um ano e um mês, depois de um problema com as bombas. A escola tem um poço artesiano, mas não pode ligar os hidrômetros. "A última vez que fizemos isto, inundou a escola. Deve estar tudo quebrado aí por baixo", reclama a diretora. Assim, a única água da escola vem duas vezes por semana, por meio de um caminhão da Sabesp. Por causa do problema, a higiene da escola no último ano tem deixado a desejar. "A gente só tem passado um paninho aqui e ali. Se usar a água na limpeza, tem de tirar das crianças", justifica Yorá.

Das 19 classes de ciclo básico, sete continuam sem professor. Já foi feita a atribuição de classes, mas nenhum professor escolheu a escola. "Além de ficar num lugar longe, ainda tem a fama da escola, que em outros tempos tinha muita violência", reconhece a diretora. Agora, a saída para preencher o quadro vai ser cadastrar professores que não se haviam inscrito até agora. Isto é, se aparecer algum.

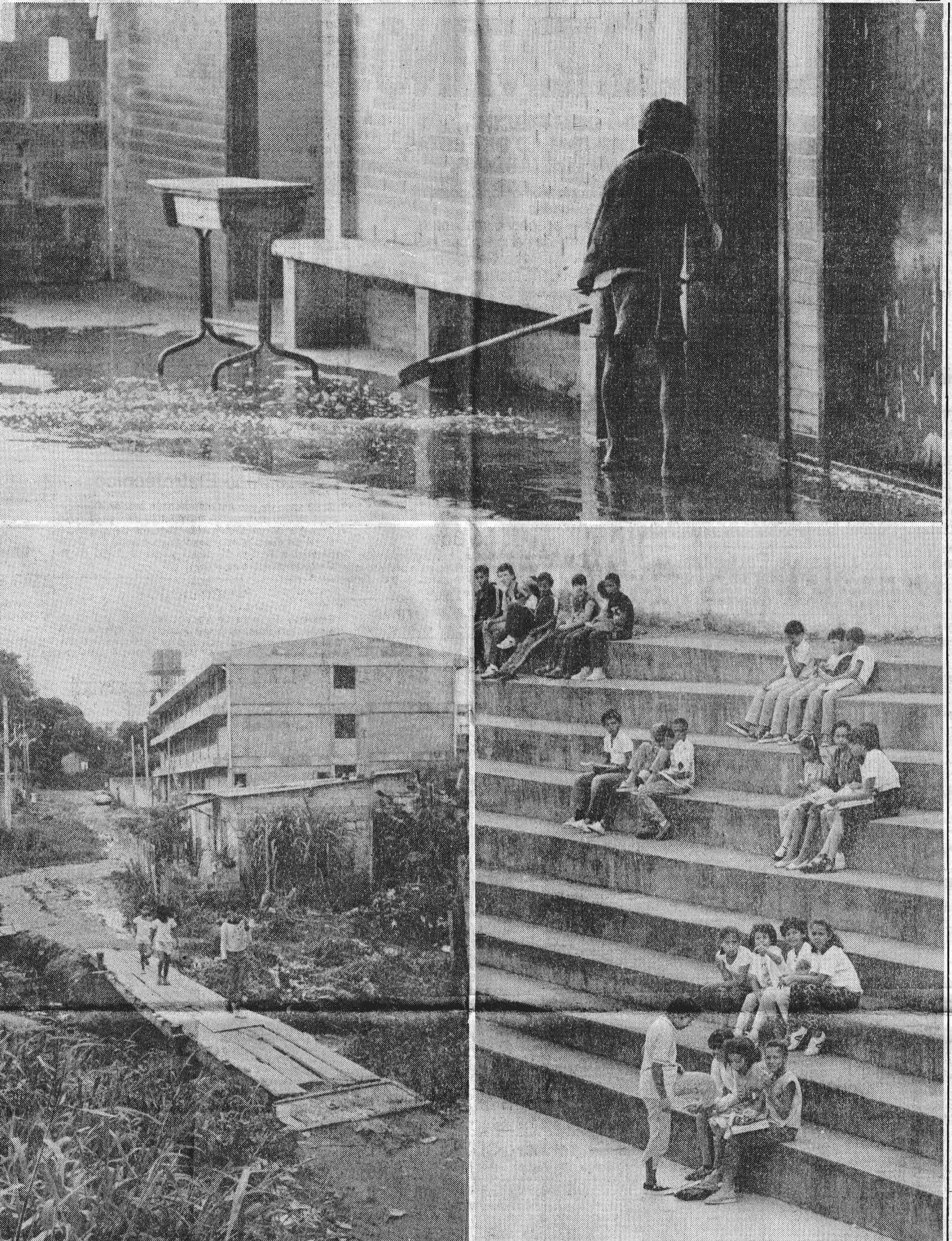
Um dos principais atrativos da propaganda oficial sobre o ciclo básico após a jornada única, as três refeições, também se têm mantido na escola graças à improvisação. Não há pratos nem mesmo as tradicionais canecas da merenda. "A gente pede para as crianças trazem as canecas de casa", diz a diretora. Almoço, até agora, foi coisa que nenhum aluno viu. "Nós recebemos macarrão com molho, mas não tem onde servir", diz Yorá.

A diretora da Escola Davina Aguiar não poupa críticas à adoção da jornada única nessas condições. "Não deviam jogar, como jogaram. Antes, a rede escolar tinha que ser estruturada. Primeiro, fizeram a gente abarrotar a escola de crianças. Eu mesma atendi mais 270 novos alunos. Se tivessem jogado o plano antes, eu não tinha pego esses", acentua.

"Pedra no sapato"

"O ciclo básico é a pedra no meu sapato", desabafa Rosa Chaguri, diretora da Escola Humberto Alfredo Pucca, no Jardim Fraternidade, também na região Sul. Ela admite que não está cumprindo o decreto da jornada única à risca. "Se a gente fosse obedecer o decreto do governador, teria que pôr 20 salas de ciclo básico, o que me daria umas 900 crianças. Como é que eu podia atender tudo isso sem funcionários?" — explicou. Assim, ela optou por colocar apenas seis classes e, mesmo assim, dividindo todos os horários de refeições em duas vezes, com três turmas cada, o que não é previsto no decreto. Ela se queixou, também, da falta de condições para atender às reclamações das mães. "Elas acham que as crianças vão ter um almoço. Mas eu só recebi macarrão com molho", diz. Por falta de funcionários, a própria diretora está ajudando a servir as refeições.

Uma escola que não está cumprindo as seis horas da jornada única é a Escola Architilino Santos, no Parque Continental, região Oeste. Às 17h30, meia hora antes do previsto no decreto, não havia mais nenhum aluno ou professor das seis classes do ciclo básico. Os motivos, segundo a assistente de direção, Maria Regina Buzzi, são muitos: "Não tem refeitório, pratos, talheres e a merendeira é uma das serventes. Nem sei se ela vai dar conta de atender a tantas crianças".



Joveci de Freitas e Kenji Honda

Nas escolas faltam recursos materiais e não há pessoal suficiente para executar a reforma pretendida pelo governo